

O PORTUNHOL/PORTUÑOL NA POESIA DE FABIÁN SEVERO

PORTUNHOL/PORTUÑOL IN FABIÁN SEVERO'S POETRY

Cristiana Crinò¹

RESUMO: A presença do dialeto ou da língua Portunhol/Portuñol dentro de um Estado-Nação territorialmente pouco extenso como o do Uruguai, revelou-se, com o passar do tempo, um sério problema político. O uso desta língua minoritária – surgida pelo intenso contato entre o português falado no Rio Grande do Sul e o espanhol do Uruguai – relaciona-se à ideia de “déficit linguístico”, convicção que se tornou comum entre os falantes monolíngues do território da fronteira Uruguai/Brasil. Na realidade, o Portunhol/Portuñol identifica-se como uma variedade linguística singular, impregnada de história, temas e “sabores” fronteiriços. A nossa atenção, dentre os escritores que usam o Portunhol/Portuñol, recai no poeta uruguaiano Fabián Severo, autor de dois livros de poemas – *Noite Nu Norte/Noche En El Norte, Poesía de la Frontera* (2011) e *Viento de Nadie* (2013), – publicados no Uruguai.

PALAVRAS-CHAVE: portunhol/portuñol; fronteira Brasil/Uruguai; literatura fronteiriça; línguas de contato; Fabián Severo.

ABSTRACT: *The presence of the dialect or language of Portunhol/Portuñol within a Nation-State not so vast at the territorial level as Uruguay, has turned out to be, over time, a serious political problem. The use of this minority language – originated from an intense contact between the Portuguese spoken in Rio Grande do Sul and the Spanish of Uruguay – relates to the idea of “linguistic deficit”, a conviction that has become common among monolingual speakers of the border territory of Uruguay/ Brazil. In fact, the Portunhol/Portuñol is identified as a unique linguistic variety, full of history, themes, and frontier “flavours”. Our attention, among the writers who use Portunhol/Portuñol, concentrate on Uruguayan poet Fabián Severo, author of two books of poems – Noite Nu Norte/ Noche En El Norte, Poesía de la Frontera (2011) and Viento de Nadie (2013), – published in Uruguay.*

KEYWORDS: portunhol/portuñol; Brasil/Uruguay frontier; frontier literature; contact language; Fabián Severo.

A existência da língua portuguesa no Uruguai resulta de um longo processo de ocupação territorial e linguística por parte dos luso-brasileiros na época da colonização. A ocupação das zonas fronteiriças do Uruguai obedecia, de fato, às intenções expansionistas da Coroa Portuguesa em meados do século XVIII, anos nos quais os soberanos da Península Ibérica decidiram instalar ao longo da fronteira

¹ Mestre em Línguas e Literaturas Modernas pela Università degli Studi di Perugia, Itália. cristi.89@live.it

Brasil-Uruguai numerosas guarnições militares e distribuir porções de terra aos portugueses, assim como aos brasileiros, para garantir o predomínio comercial nas águas da Bacia do Rio da Prata. Em seguida, o Império Espanhol, apercebendo-se da ameaça de Portugal e da possibilidade de perder os territórios conquistados no Novo Mundo, obrigou-o a sancionar o Tratado de São Ildefonso, em 1777. Este decretou a formação de uma zona neutral, denominada “Campos Neutrais”, constituída por grandes espaços vazios da região oriental os quais, imediatamente, foram sendo invadidos por ambas as populações, favorecendo o contrabando e as atividades ilícitas. Desse modo, muitos brasileiros, atraídos pela riqueza das terras orientais e pela abundância de gado nativo ali existente, estabeleceram-se definitivamente no interior do Uruguai, em quase trezentos quilômetros de extensão. Nessas regiões, é presente a ideia de que fronteiras e sujeitos assumem significado ao moverem-se entre uma língua e outra, criando um espaço de contato intenso entre a língua portuguesa do Brasil e a espanhola rioplatense.

A comprovação da existência e da difusão do Português e dos seus dialetos no norte da Banda Oriental foi delineada pelo linguista uruguaio José Pedro Rona em 1965, quando publicou o livro *El dialecto ‘fronterizo’ del norte del Uruguay*.

No seu estudo, o linguista confirmou que as zonas uruguaianas de contato com o Brasil foram fortemente afetadas pela presença linguística dos portugueses, em um primeiro momento, e logo, dos brasileiros. O intenso contato entre as línguas portuguesa e espanhola originou um dialeto misto ao qual designou “*dialecto fronterizo*”, de base portuguesa, mas com influências do castelhano.

Nos anos sessenta do século XX, o linguista americano Federico Hensey, concentrou os seus estudos, diferentemente de Rona, nas comunidades urbanas fronteiriças brasileiras-uruguaianas, corroborando a presença de bilinguismo em território uruguaiano. Portanto, no norte do Uruguai haverá falantes bilíngues do português do Uruguai e do espanhol regional, o uruguaio, e falantes monolíngues de uma mistura de línguas, a qual Hensey descreve como “interlecto”, utilizada principalmente nas áreas rurais e nas periferias urbanas (HENSEY, 1980, p. 59).

Representando uma ameaça de “corrupção” da língua espanhola, a presença massiva da língua portuguesa e dos dialetos com base portuguesa praticados no norte do Uruguai foi tratada, desde a implantação do idioma castelhano como língua oficial do Estado, qual fosse um problema para extirpar. O interessante é que, para o Uruguai, o português tem sido língua hegemônica antes do processo de escolarização, enquanto o espanhol era língua minoritária.

Em 2007, a professora Ana Maria Carvalho, ao pesquisar a atitude linguística dos uruguaios de Rivera, decidiu nomear esse dialeto “português uruguaio”. Segundo os seus estudos, a língua portuguesa falada pelos bilíngues uruguaios

que vivem nas áreas urbanizadas do país é uma variante dialetal do português brasileiro urbano, enquanto o português “mesclado”, falado nas periferias e nos contornos rurais das cidades, corresponde ao dialeto fronteiriço de base portuguesa teorizado por Rona. Existem, então, duas variantes de uma única língua que, no caso específico da fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai, corresponde ao português. Devido à copresença de múltiplas variedades linguísticas do mesmo dialeto, os estudiosos uruguaios Adolfo Elizaincín, Luis Behares e Graciela Barrios, no livro *Nos falemo brasileiro – Dialectos portugueses en Uruguay* (1987) – optaram pela denominação “dialectos portugueses del Uruguay”, ou DPU(s).

Além dessas designações tipicamente acadêmicas, conhece-se também o termo *Portunhol/Portuñol*, designação por nós escolhida para a realização deste estudo. A dificuldade em definir a língua como *portunhol/portuñol* reside nos sentidos que foram elaborados, ao longo dos séculos, pelo senso comum. De fato, a maioria das pessoas sabe que o termo se usa comumente para referir-se ao “mal falar” de uma das línguas que constitui a língua mista.

Esse conceito remete ao processo de aquisição do idioma castelhano por parte dos falantes lusófonos, uma situação intermediária, conhecida como “interlíngua”, na qual os estudantes misturam as línguas no nível gramatical, compondo transformações no discurso proferido pelo sujeito enunciador.

Porém, o *portunhol/portuñol* define também o fenômeno linguístico de contato que se origina na fronteira Brasil-Uruguai e que, no caso uruguaio, representa uma prática linguística instituída, uma espécie de terceira língua, utilizada – antigamente, como agora – em todos os âmbitos artísticos, sobretudo na música e na literatura.

MÚSICA E LITERATURA DE FRONTEIRA

Ao longo dos séculos, o fenômeno linguístico do dialeto fronteiriço difundiu-se em todos os campos artísticos do Brasil e do Uruguai, penetrando em particular na música² e na literatura, as quais já começavam a englobar uma realidade social e linguística absolutamente singular, marcadas por um registro “popular” (GARCÍA, 2006, p. 558). Com o passar do tempo, músicos, cantautores, intelectuais e escritores uruguaio-brasileiros decidiram tratar o tema da fronteira não só de um ponto

2 A bossa nova brasileira dos anos 1960 teve um forte impacto no Uruguai, tanto é verdade que, em pouco tempo, os artistas uruguaios daquela época começaram a difundir no País a música de Vinicius de Moraes (Rio de Janeiro, 1913–1980). Famoso jornalista, poeta, dramaturgo, diplomata e músico brasileiro, no fim dos anos 50 e o começo dos 60 do século XX, mudou-se para o Uruguai, onde foi chamado para trabalhar na Secretaria das Relações Exteriores e, nesse período, junto com outros artistas, difundiu no Uruguai a sua bossa nova (<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/vida>).

de vista geográfico ou sócio-histórico, mas também linguístico e psicológico, servindo-se do *Portunhol/Portuñol* como um instrumento capaz de “narrar” a beleza e a unicidade do universo fronteiriço mas, ao mesmo tempo, para denunciar as terríveis condições que o caracterizam.

Entre os compositores oriundos da fronteira mais conhecidos citamos o rio-grandense Martím César, representante do grupo poético-musical Caminhos de Si³ e o uruguaiano “doble-chapa”⁴ de Rivera/Sant’Ana do Livramento Chito de Mello.

Este último conseguiu, através das suas canções, sintetizar perfeitamente a “lógica gramatical” que governa esta mistura entre o português brasileiro e o espanhol do Uruguai.⁵ Muito significativa é a introdução em *Portunhol/Portuñol*, do seu segundo livro intitulado *Soy del Bagazo nomás*, a qual projeta o seu leitor numa dimensão da linguagem totalmente alheia às regras das línguas nacionais: “Noso lenguaje entreverado téin muintas asiones y conotasáun: Portuñol, Espagués, DPU, Diacleto Fronterizo, Carimbaú, PU y ainda máis. Temus varias ventaja na nosa idioma pués náun téin reglas (siscreve de cualqué yeito) [...]”⁶

Protagonista do filme-documental *A linha imaginária*,⁷ junto com Chito de Mello, o escritor Aldyr Garcia Schlee (de Jaguarão/Río Branco) e o poeta uruguaiano Fabián Severo, o jovem compositor artiguense Ernesto Díaz (Artigas, 1973-) é um dos principais difusores do *Portunhol/Portuñol* uruguaio-brasileiro.⁸

3 Martím César, em 2010, foi nomeado aos prêmios Açorianos como melhor autor de letras musicais do Rio Grande do Sul. Escreveu também cinco livros de poesia e contos: *Poemas ameríndios*, *Poemas do baú do tempo*, *Sob a luz de velas e Dez sonetos delirantes* e *Um Quixote sem cavalo* (<http://www.martimcesar.com.br/apresenta.htm>).

4 Dito de “aquele indivíduo que é legalmente uruguaio e brasileiro e que convive dentro da sua própria casa com o bilinguismo, falando às vezes um idioma com o seu pai e com sua mãe no outro, convertendo-se assim em um cidadão naturalmente bilingue” (RETAMAR & RISSO, 2011, p. 96). As traduções, salvo referência contrária, são da autora do artigo.

5 Chito de Mello lançou vários discos que tiveram muito sucesso na fronteira, como “Rompidioma”, “Pa’ toda la Bagacera”, “Deja pa’ mí que soy cañoto”, “Soy del bagazo nomás”, “Vein para cá que tinsinemo”, “Nauncunfunda Kukumbunda”. Possui também um blog na Internet – chitodemello.blogspot.com.br – no qual se encontram os seus textos musicais, permitindo ao público fronteiriço e não só de conhecer a sua música: *Ali até quem está no Japão pode me ler e ouvir*, afirmou numa entrevista (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>).

6 A entrevista pode ser lida na página internet <http://www.derivera.com.uy/?p=762>.

7 Realizado em 2014 pelos brasileiros, de Pelotas, Cíntia Langie e Rafael Andrezza, os mesmos autores da longametragem “O Liberdade, sobre o bar homônimo de choro” (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>).

8 Ernesto Díaz faz parte do quarteto Tercera Fundación (junto a Carlos Giráldez, Lucía Gatti e Sara Genta) desde 2007 e do Yair Trío (junto a Yair Flores e Ney Peraza) desde 2002. É também um dos músicos da banda de Fernando Ulivi desde 2003 e junto a Carlos Giráldez e Sara Genta toca no grupo Trifulca desde 2004 (<http://cualquieruno.blogspot.it/>).

Em 2014 publicou o seu primeiro disco como solista, *Cualquier Uno*, que inclui vários gêneros musicais como o candombe, a bossa nova, a música popular e folclórica e canções em dialeto fronteiriço, língua que utiliza com naturalidade e sem particulares artifícios, “de uma maneira inconsciente”, ele diz.⁹

Participou na realização do livro *Na fronteira nós fizemo assim* (DÍAS; BEHARES & HOLZMANN, 2004), escrito por Gerardo Holzmann e Luis Ernesto Behares, com o qual escreveu também o livro *Os som de nossa terra* (DÍAZ & BEHARES, 1998). De sua autoria são os artigos “Productos artísticos-verbales fronterizos” (1979) e “Presentación a la cocina del interior”, *La Cocina Uruguaya* (2007). Atualmente, Ernesto colabora com o amigo e poeta Fabián Severo na organização de conferências, saraus musicais e recitais em *Portunhol/Portuñol* nas várias cidades do Uruguai e do Brasil, com a intenção de fazer conhecer aos jovens a música e a poesia da fronteira.

São muitos os nomes dos autores que tratam e que trataram no passado o tema da fronteira. Decidimos lembrar a obra de dois escritores que, entre tantos, conseguiram transpor o dialeto fronteiriço nas próprias páginas literárias, produzindo uma linguagem narrativa absolutamente nova e original.

O primeiro é o brasileiro Aldyr Garcia Schlee,¹⁰ grandíssimo intelectual contemporâneo, conhecido sobretudo como contista. Quase todos os seus livros apresentam personagens que têm dificuldades em se exprimir através de uma única língua, mas é provavelmente no mais recente *Linha divisória* (SCHLEE, 1998) que o narrador “contamina” a língua portuguesa com elementos linguísticos do idioma espanhol. O uruguaiano de Rivera/Sant’Ana do Livramento, Saúl Ibargoyen, foi um escritor da fronteira. A sua inspiração narrativa nasceu da observação da área rural entre o Brasil e o Uruguai, terra onde duas ou mais culturas e línguas lhe permitiram criar o seu microuniverso literário, “Rivramento” (GRILLO, 1994, p. 22), assim como palavras que fundiam português e espanhol: “berso”, “diñero”, “fariña”, “paisiño” ou “filio” (GARCÍA, 2006, p. 562).

O aparecimento do “verdadeiro” *Portunhol/Portuñol* na literatura deu-se em 1992, quando o escritor brasileiro Wilson Bueno publicou o conto *Mar Paraguayo*, livro que contém a prefação do poeta argentino Néstor Perlongher intitulada *Sopa Paraguai*:

9 Para ler a entrevista, visitar o site <http://www.lr21.com.uy/cultura/1216184-ernesto-diaz-fabian-severo-musica-poesia-artigas-frontera>.

10 Foi professor de Universidade, jornalista, redator e gráfico do jornal *Última Hora*. Fundador da *Gazeta Pelotense* e da Faculdade de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, venceu o prêmio Esso de Reportagem em 1963. O ano seguinte, durante a ditadura militar do Brasil, foi expulso da Faculdade e preso. Sendo desenhista de profissão, inventou também a camiseta da Seleção brasileira de futebol, conhecida como “camiseta canarinho”. Recebeu o prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira por duas vezes e o prêmio Açorianos de Literatura por cinco vezes (<http://wp.ufpel.edu.br/congressoextenso/premios/>).

[...] Essa mistura tão imbricada não se estrutura como um código predeterminado de significação; quase diríamos que ela não mantém fidelidade exceto a seu próprio capricho, desvio ou erro. O efeito do portunhol é imediatamente poético. Há entre as duas línguas um vacilo, uma tensão, uma oscilação permanente: uma é o “erro” da outra, seu devir possível, incerto e improvável. Um singular fascínio advém desse entrecruzamento de “desvios” (como diria um linguista preso à lei).

Não há lei: há uma gramática, mas é uma gramática sem lei; há uma certa ortografia, mas é uma ortografia errática: chuva e lluvia (grafadas de ambas as maneiras) podem coexistir no mesmo parágrafo, só para mencionar um dos incontáveis exemplos [...] (PERLONGHER, 1992, p. 8-9).

Esse texto permite-nos perceber que não existe uma única versão escrita do *Portunhol/Portuñol*, porque, de fato, os autores fronteiriços utilizam-no segundo o resultado poético que pretendem realizar nas obras literárias. Ao conhecer duas ou mais línguas, o escritor pode tornar-se um criador de palavras, já que, os seus textos apresentam unidades lexicais misturadas que não existem no repertório linguístico do português, nem do espanhol.

É esse o caso do “portunhol selvagem” de Douglas Diegues,¹¹ conhecido escritor contemporâneo do Paraguai, o qual, em 2003, publicou o livro *Dá gusto andar desnudo por estas selvas: Sonetos Salvajes*, escrito numa mistura de português, espanhol e guarani. A sua forma escrita do *Portunhol/Portuñol*, definido “selvagem”, é fruto de uma invenção, de complexos artifícios literários e jogos de palavras, mas, ao mesmo tempo, corresponde à uma necessidade de trazer de novo em vida a sua língua mãe.

É este desejo de redescobrir as próprias raízes e a língua materna que leva o jovem poeta uruguaiano Fabián Severo a narrar o seu passado e o passado da fronteira entre o Uruguai e o Brasil, utilizando o dialeto fronteiriço falado na terra onde nasceu.

FABIÁN SEVERO

Fabián Severo nasceu em 1981 em Artigas, pequena cidade fronteiriça do norte do Uruguai.

11 Nasceu no Rio de Janeiro em 1965 de pai brasileiro e mãe bilingue espanhol e guarani. Muda-se de criança para Ponta Porã (MS), cidade de fronteira entre Brasil e Paraguai e, logo depois, começa a viver em Asunción (Paraguai) e Campo Grande (Brasil). Escreveu *Uma Flor* (Buenos Aires: Eloisa Cartonera, 2005); *Rocio* (Asunción: Jakembo Editores, 2007); *El Astronauta Paraguayo*, (Asunción: Yiyi Jambo, 2007); *La Camaleoa*, (Asunción: Yiyi Jambo, 2008); *DD erotikito salbaje*, (Asunción: Felicita Cartonera, 2009); *Sonetokuera en alemán, portuñol salvaje y guarani* (Luquelandia: Mburukujarami Kartonera, 2009); *Triplefrontera Dreams* (Katarina Kartonera, 2010); *La felicidad versus el día de San Nunka* (Poemas inéditos); *Garbacho el rey de los perros paraguayos* (relatos inéditos); *El amor non tiene dueño* (Sonetos salvajes inéditos); *Bichos Paraguayos* (Mitología callejera robada nel Mercado Kuarto); *Amantes perfectos* (Relatos salvajes inéditos); *El domador de yakarés* (Biografía klandé inventada del personaje mais famoso de la literatura triple frontera); *La última cumbia de la calle última* (Protonoubelle em bersos) e *Maká Fútbol Club* (Relatos fuboleros)(<http://portunholselvagem.blogspot.it/>).

Antes de se tornar professor de literatura, estudou Língua e Literatura no CERP (*Centro Regional de Profesores del Norte*) de Rivera. Em 2004 mudou-se para Montevideo, capital do Uruguai, onde atualmente vive com a sua família para trabalhar como docente. Em colaboração com os seus alunos publicou os livros de poemas *Fruto del desierto* (Rumbo, 2008), *Huellas de viento en la arena* (Rumbo, 2009) e *Los Soles de la Tormenta* (Rumbo, 2010), escritos pelos estudantes e declarados de interesse educativo pelo Ministério da Educação e da Cultura do Uruguai. Desde 2010 se ocupa da coordenação do projeto *Taller de Escritura* da Asociación General de Autores del Uruguay (AGADU) e é também assistente universitário na Faculdade de Letras no ProArte del Consejo Directivo Central da Administración Nacional de Educación Pública (ANEP). Naquele ano venceu o Prêmio Morosoli de bronze na categoria “Poesia” e, a partir de então, começou a publicar vários volumes de poemas, como *Labriegos del papel II* (Rumbo, 2005), *Las voces del mundo III* (Centro Hispanoamericano de Artes y Letras, 2007), *La fantástica casa de las palabras errantes* (Rumbo, 2008) e *Príncipes del Talión. Muestra de escritores uruguayos* (2009).

Em 2005 conheceu em Montevideo o músico artiguense Ernesto Díaz, com o qual travou desde logo uma profunda amizade. Os dois, sendo animados da paixão pela música e a literatura, decidiram reunir-se com outros artistas uruguaios e brasileiros da fronteira para organizar belíssimos espetáculos poético-musicais no Uruguai, como no Brasil, para divulgar a arte e a cultura fronteiriça em *Portunhol/Portuñol*.

Em 2011 participou na Delegação Artística durante as “Jornadas de la Cultura Uruguaya en Cuba” e, no ano seguinte, foi convidado como poeta na Feira Internacional do Livro de Cuba. Por ocasião do *Encuentro de Jóvenes Escritores de América Latina y el Caribe* em La Habana, o poeta aproveitou para partilhar com o público e os outros jovens escritores latino-americanos o pensamento literário que atravessa o seu universo poético, de modo que eles refletissem não só sobre a realidade geográfica, socio-histórica e linguística da sua terra natal, mas também acerca da função do poeta hoje em dia.

É no discurso de inauguração do *Encuentro* que o poeta Fabián Severo consegue definir ou, podemos dizer, interpretar magnificamente a sua Poesia e a língua com a qual escreve:

[...] Desde que escrevi Noite nu Norte, um livro de poemas em portuñol, passei por muitos interrogatórios que quase sempre começavam com a mesma pergunta:

Por que escreve em portuñol?

Não sei porque escrevo em portuñol.

[...] Oxalá eu pudesse explicar às pessoas que, às vezes, quando estou lembrando aquela tristeza que havia na minha terra, as palavras saem uma atrás da outra, todas “entreveradas”, palavras tortas. Há dias nos quais tento endireitá-las, mas não posso,

elas começam a perder a sua música, o seu sabor. As palavras endireitadas são osso sem carne, morrendo nos meus cadernos [...]”¹²

Em 2014 publicou o livro *NósOtros*, uma coletânea de poemas que inclui também um CD-ROM onde o leitor pode ouvir os poemas recitados pelo poeta. Interessantíssimos são os livros escritos em *Portunhol/Portuñol Noite Nu Norte. Noche En El Norte. Poesía de la frontera* (2011) e *Viento de Nadie* (2013), publicados no Uruguai. O estar longe da terra natal transportou o poeta numa atmosfera de profunda saudade. Fabián Severo começa a sentir a falta de Artigas, das pessoas queridas, também das ruas, dos sons e dos aromas com os quais cresceu e esse sentimento torna-o inquieto, até quando se percebe da “necessidade física e sentimental” – como ele diz – de contar a sua “história” da fronteira escrevendo em *Portunhol/Portuñol*.

Ele afronta temáticas e apresenta ao leitor personagens tipicamente fronteiriços que, de qualquer maneira, o obrigam a utilizar ou a recriar uma língua capaz de evocar uma realidade geográfica, histórica e sociolinguística diferente da realidade que poderia representar o idioma castelhano:

[...] O portunhol é a minha verdadeira língua materna. É aquela que eu escutava quando estava no ventre da minha mãe e aquela que aprendi a falar nos primeiros anos de vida, antes da alfabetização formal. Quanto estou sentimental, uso o portunhol. É o idioma mais urgente, o dos meus afetos [...]”¹³

Ao utilizar uma modalidade dialetal não normatizada, Severo leva a cabo um verdadeiro ato de coragem (PEYROU, 2011, p. 164) e perturba aqueles modelos estéticos-estilísticos, culturais e sociais que caracterizam a civilização e a literatura do Uruguai.

O antigo mito do “País homogêneo” contribuiu, de fato, para negar a existência da cultura fronteiriça, considerada por muitas pessoas bárbara e antimoderna e, por isso, recusar o dialeto falado na fronteira¹⁴ (PEYROU, 2011, p. 166).

Nessa perspectiva, as publicações dos dois livros em *Portunhol/Portuñol* poderiam-se considerar uma tentativa por parte do poeta de fugir da limitação mental presente na sociedade urbana do Uruguai e daquelas lógicas vinculantes do consumo e do mercado editorial atuais.

12 *Poesía de Frontera. Qué palabra es de dónde en la geografía de la Poesía, Encuentro de Jóvenes Escritore de América Latina y el Caribe* – Feira Internacional do Livro de Cuba (La Habana, 14 de fevereiro de 2012) em <http://fabiansevero.blogspot.it/search/label/Ponencias>.

13 O artigo onde se pode ler a entrevista ao poeta é disponível na internet à página seguinte <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>.

14 As políticas repressivas do governo uruguaiano atuadas durante a ditadura militar tinham proibido o uso do *Portunhol/Portuñol* nas escolas e nos lugares públicos, ignorando a educação nas zonas do nordeste do Estado (BROVETTO, 2010, p. 26).

Ele mesmo afirma numa entrevista: “[...] porque o que o sistema educativo impõe é que o portuñol não é uruguaio; é fala de pobre, ruim e incorreto [...]”.¹⁵

A decisão de utilizar uma língua minoritária como o dialeto fronteiriço uruguaio-brasileiro e a vontade de tratar temáticas ligadas à história dessa fronteira, através da inclusão de protagonistas fronteiriços, levam o poeta a amadurecer algumas reflexões, em particular em *Noite Nu Norte*, sobre a língua que ele mesmo fala: “Às vezes parece que o que outorga a categoria de idioma a um dialeto é a escrita. No portuñol não existe uma gramática, um dicionário, temos que inovar, improvisar”.¹⁶

Fabián Severo sabe muito bem que a sua linguagem, corresponde a uma variedade linguística que não possui uma gramática, nem dicionários ou codificações ortográficas, tanto é verdade que, para ele, o português do Uruguai, ou *Portunhol/Portuñol*, pode ser classificado quer como dialeto, quer como língua; já que, como uma qualquer outra língua nacional, para se manter vivo necessita de contínuas inovações e surpreendentes improvisações.

Ao final, trata-se de uma língua “sem dono”, como escreve no poema “Nove” de *Noite Nu Norte*:

Nove

Artigas teim uma lingua sin dueño. (SEVERO, 2011c, p. 27)

Neste verso se pode ver a típica mistura das línguas que caracteriza a poesia de Severo: há elementos linguísticos típicos do espanhol (por exemplo a preposição “sin” ou o substantivo “dueño”) e outros do idioma português (como o verbo auxiliar “teim”, o artigo indeterminativo “uma” e o substantivo “língua”).

Noite Nu Norte explicita, portanto, aquela que podemos definir a problemática da “reelaboração” escrita do *Portunhol/Portuñol*:

Des

Miña lingua le saca la lengua al disionario
baila um pagode ensima dus mapa
i fas com a túnica i a moña uma cometa
pra voar, livre i solta pelu seu. (SEVERO, 2011c, p. 28)

Para o linguista Luis Ernesto Behares, ao escrever na sua língua materna, o poeta ativa uma espécie de “luta contra a palavra”, isto é, contra aquela língua que o identifica, mas, ao mesmo tempo, o torna diferente dos outros uruguaiois.

15 Entrevista ao poeta Fabián Severo e ao músico Ernesto Díaz <http://ladiaria.com.uy/articulo/2014/7/gauchos-da-fronteira/>.

16 Entrevista a Fabián Severo em “El truco de la serpiente – Emisora del sur”: No soy de ningún lado, soy de la frontera <http://fabiansevero.blogspot.it/search/label/Entrevistas>.

No poema “Des” podemos notar a presença dos termos “túnica” e “moña”, os quais, no Uruguai, simbolizam a escola. Porém, Severo decide inserir as duas palavras espanholas para transformar o significado original e indicar que na fronteira a “túnica” e a “moña” representam a imposição do espanhol, idioma que os fronteiriços do Uruguai-Brasil não conheciam antes da criação da República Oriental do Uruguai (BEHARES, 2011, p. 99).

Então, a língua materna volta a aparecer na memória do poeta para reconstruir as lembranças da sua infância passada numa pequena cidade de fronteira, tornando-se, como afirma Ernesto Díaz, “a língua mais urgente, aquela da dor, do amor e do prazer, de tudo o que é mais urgente”:¹⁷

Uno

Vo iscrevé las lembransa pra no isquecé. (SEVERO, 2011c, p. 19)

O *Portunhol/Portuñol* permite-lhe encher aquele sentido de vazio causado por algumas faltas afetivas – por exemplo a de sua mãe – e contar da sua vida passada em Artigas, uma “terra perdida no Norte”, que nem aparece nos mapas:

Onse

Artigas e uma terra pirdida nu Norte
qui noum sai nus mapa. (SEVERO, 2011c, p. 29)

A Poesia de Fabián Severo constitui-se, portanto, de palavras, expressões, sons e ritmos de uma língua que ele “escutava quando ainda estava dentro do ventre da sua mãe e que aprendeu a falar durante os seus primeiros anos de vida, antes de começar a frequentar a escola”:

O portunhol é a minha verdadeira língua materna. É aquela que eu escutava quando estava no ventre da minha mãe e aquela que aprendi a falar nos primeiros anos de vida, antes da alfabetização formal. Quando estou sentimental, uso o portunhol. É o idioma mais urgente, o dos meus afetos.¹⁸

Cada verso seu parece ser ditado pela lógica gramatical que responde às regras de uma língua que só existe na fronteira e que, no caso de Severo, podemos definir “língua da lembrança”:

17 Entrevista a Ernesto Díaz de Daniel Feix do 05/09/2014, <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>.

18 Entrevista a Fabián Severo de Daniel Feix do 05/09/2014, <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-para-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html>.

Asvés
toi lembrando la tristeza
que había en mi tierra
y las palabra van saliendo
una arriba de otra
intreveradas [...]¹⁹

As páginas do seu caderno começam a preencher-se quando as lembranças da tristeza que a gente sofria na mesma terra onde ele nasceu e cresceu chega a doer-lhe no coração e, é só neste momento, que o poeta se dá conta de pensar e escrever palavras misturadas, “entreveradas”:

Hay días
que intento inderesar ellas
mas no puedo
impesan a perder el olor
a quedar seim vida
puro oso sin carne
morrendo en mis cuaderno.
Mas otras vez
yo las dejo así
tortas
y intonce
volto a tener diez año
y ando descalzo na calle
correndo con la Gabriela
ayudando la María arrancar laranya
y me sinto menos triste [...]²⁰

São estes versos “tortos”, estas “palabras sin dueño” que lhe permitem fugir da tristeza de cada dia e que o transportam outra vez no passado, quando ainda tinha dez anos, correndo descalço com os companheiros pelas ruas de Artigas:

Misqueso que afuera el mundo es de tardisiña
Vuelvo a tener los sueño que tenía
cuando caminaba nu meio das pedra
sin saber que las palabras tenían dueño
y el mundo era todo mío.²¹

A originalidade da poesia de Fabián Severo, para nós, consiste, portanto, na intuição de uma dupla dimensão do *Portunhol/Portuñol*: aquela musical, que

19 <http://www.fabiansevero.com/>

20 <http://www.fabiansevero.com/>

21 *Palabra Torta*, poema de Fabián Severo (<http://fabiansevero.blogspot.it/>).

confere aos poemas um tom absolutamente singular, muito similar à linguagem oral dos fronteiriços; e a sua capacidade de condensar as imagens do passado em magníficos versos poéticos, curtos, simples, mas muito profundos:

Trinticuatro

Mi madre falava mui bien, yo entendía.
Fabi andá faser los deber, yo fasía.
Fabi traseme meio litro de leite, yo trasía.
Desí pra doña Cora que amañá le pago, yo disía.
Deya iso gurí i yo deiyava.
Mas mi maestra no entendía.
Mandava cartas en mi caderno
todo con rojo (igualsito su cara) i asinava imbaiyo.

Mas mi madre no entendía.
Le iso pra mim ijo i yo leía.

Mas mi madre no entendía.
Qué fiseste meu fío, te dise que te portaras bien
i yo me portava.

A istoria se repitió por muintos mes.
Mi maestra iscrevía mas mi madre no entendía.
Mi maestra iscrevía mas mi madre no entendía.

Intonses serto día mi madre entendió i dise:
Meu fío, tu terás que deiyá la iscuela
i yo deiyé. (SEVERO, 2011c, p. 58)

A ideia desse poema, contido em *Noite Nu Norte*, surgiu, por exemplo, logo depois de um encontro entre ele, a sua tia e o primo que, um dia, voltando da escola, começou a falar em espanhol. O poeta conta durante uma entrevista:

[...] O meu primo quando voltava da escola, com a “túnica” e a “moña”. Quando ele cumprimenta, a minha tia pergunta: ¿Por qué você está falando así? E ele responde que a professora tinha dito que ele tinha que falar desta forma, que a partir de agora ela ía a ensinar. “Pero tú no tein que falar como tua maestra, tú tein que falar como eu, que soy tua mãe”. Neste momento, ela olha para mim e diz: “Fabi, vos que estudiaste, deci pra él que tiene que hablar como yo, que soy su madre”. Então, saí depressa da aula e enquanto chegava em casa, eu escrevia o poema mentalmente [...] E me dei conta do facto que havia algo que só podia dizer em portuñol”²²

22 Entrevista a Fabián Severo em <http://ladiaria.com.uy/articulo/2014/7/gauchos-da-fronteira/>.

Quando a tia continuava a dizer ao filho que falasse como ela e não como a professora, Fabián Severo percebeu que a sua poesia tinha necessariamente que ser escrita em *Portunhol/Portuñol*, a sua língua-mãe. De fato, a contraposição das duas mulheres – a mãe e a professora – não é casual, mas representa no poema o eterno “conflito” entre a língua materna e a língua oficial do Uruguai, o espanhol.²³ A sua intenção não é a de efetuar uma tradução ou uma transcrição do dialeto fronteiriço falado no norte do Uruguai; ele atua – como afirma Luis Behares – uma transliteração. Isto significa que o *Portunhol/Portuñol* tornar-se-á nova matéria que espera para ser modelada e plasmada pelo poeta, único criador da harmonia musical e rítmica dos seus poemas:

Transliterar é de uma outra ordem, com certeza paradoxal: apoia-se na letra ou no texto para fazer da linguagem um outro totalmente outro, mas, contudo, não pode deixar de responder ao mesmo que o origina. Tarefa difícil que o verdadeiro falante acaba fazendo com a sua língua-mãe sem se dar conta, apesar da enorme dificuldade, e que, para quem tenta transliterar uma língua estrangeira mesmo que conhecida é uma tarefa opressiva e angustiante. (BEHARES, 2011, p. 97)

Significativos os últimos três versos de *Trinticuatro* que contam o abandono de Fabián criança da escola: metáfora perfeita da lealdade que o poeta quer manter pela sua língua de origem. É no poema *Tresi* que o leitor pode ler a declaração da fidelidade à comunidade linguística de pertença e à identidade cultural e social fronteiriça:

Tresi

Antes,
eu quíria ser uruguaio
agora
quiere ser aquí. (SEVERO, 2011c, p. 31)

Delinea-se, portanto, um importante argumento da lírica de Severo: o da identidade, ligado ao conceito de fronteira, temas que o preocupam, mas ao mesmo tempo, o apaixonam.²⁴

A propósito da questão da fronteira, resulta significativa a resposta que ele nos deu à nossa entrevista:

23 Ver *La poesía de Fabián Severo*, artigo do professor Uruguay Cortazzo (Universidade Federal de Pelotas) publicado em <http://fabiansevero.blogspot.it/search/label/Artículos>.

24 *Las fronteras de la palabra. Fabián Severo, el poeta uruguayo que escribe en portuñol*, em “El Observador” do 21/09/2012 (<http://www.elobservador.com.uy/noticia/260632/las-fronteras-de-la-palabra/>).

Eu não sei o que é a fronteira. Talvez, a fronteira seja vários lugares; uma forma de olhar; um lugar onde os mapas se pegam ou se despegam; um estuário, onde a água doce do rio se mescla com a água salgada do mar; ali crescem espécies que não crescem nos outros lugares, os fronteiriços somos essas espécies. Talvez a fronteira não seja.

Nós, os “frontera”, vemos que os conceitos se desarmam, que o que alguns chamam “pátria”, “país”, “nação”, “idioma”, “cultura”, não significa o mesmo para nós. Como diz o poeta: “se me perguntam: o que é minha pátria?, eu direi não sei”.

Os “frontera” somos de aqui e de ali. Às vezes, não sabemos de onde somos. Comemos arroz do Brasil com carne uruguaia, e nossos pratos são uma mescla. Bailamos, amamos, falamos, sentimos “fronterizamente”.

Queria que a minha poesia fosse fronteiriça, no fundo e na forma, que a minha versão escrita do português só adquirira validade porque escrevo sobre temas fronteiriços, com personagens e cenários, ritmos e sons fronteiriços. Não queria que a minha poesia chamasse a atenção só pela forma como foi escrita, queria que essa forma fosse a mais adequada para comunicar. A Literatura é uma forma de comunicarmos.²⁵

A fronteira norte de Artigas/Quaraí, afirma Fabián Severo, não corresponde a uma pátria, uma nação, um idioma ou uma cultura. Ela apresenta-se como uma espécie de entrada numa dimensão espaço-temporal mitológica, um lugar de infinitas possibilidades, um espaço sem limites e fronteiras, onde a diversidade com “o outro” se anula completamente (“comemos arroz do Brasil com carne uruguaia”) destruindo aquela identidade imposta pela política dos governos nacionais.

A fronteira cria uma nova identidade, a dos “los ‘frontera”, “Los Se Ninguéim”, como recita o poema *Treis*:

Treis

Noum sei como será nas terra sivilisada
mas ein Artigas
viven los que tienen apeyido.
Los Se Ninguéim
como eu
semo da frontera
neim daquí neim dalí
no es noso u suelo que pisamo
neim a lingua que falemo. (SEVERO, 2011c, p. 21)

O poeta põe o seu leitor dentro de uma realidade angustiante, imóvel, estática, sobretudo em *Viento de Nadie*: “Este pueblo e uma siesta nu meio das pedra” (SEVERO, 2013, poema 5, p. 19); “Nada cambió pur aquí / Desde que sinventó el ombre / las caye siguen intrando nas casa” (SEVERO, 2013, poema 7, p. 21); dentro de um limbo diria o escritor uruguaiano Javier Etchemendi (ETCHEMENDI, 2011, p. 13):

25 Nossa entrevista com o autor, do 27 março 2015.

1

Queim noum cuñese a frontera
no sabe lo ques la soledá. (SEVERO, 2013, p. 15)

A solidão e a tristeza são os sentimentos predominantes na poesia de Fabián Severo, porém, apesar da vida amarga e difícil que ele passou na sua infância (“Eu vi tristeza nus plato / fome nus ojo / soledá en las boca”) (SEVERO, 2013, p. 44), o sofrimento ajudou-o a tomar o seu caminho e compreender melhor não só a si mesmo, mas também os outros.

O fato de ter passado a sua primeira fase da vida num bairro de fronteira humilde, onde imperavam a fome e a pobreza, permitiu-lhe enfrentar as dificuldades quotidianas com a justa dose de ironia:

Trintiuno

A mim me gustava los cumpleaños
aunque casi nunca podía i.
Asvés no tiña ropa, asvés no tenía regalo.

Cuando nos podía comprá regalo
nos comprava bombacha, calsonsiyo o meia.
Si el cumpleaños era de niña
i nos noum tiña diñeiro
nos agarrava alguna joya de las madre.
Una vuelta pasó algo mui ingrasado.
El Caio avía yevado una bombaya
de regalo pra Gabriela
i cuando nos istava jugando la escondida
el se emburró porque avían feito trampa
intonses entró nu cuarto
i sacó de ensima da cama
donde istavan todos los regalo
la primera bombacha que encontró
i se foi.

Si pudíamos ir
nos aproveitava pra cumé.
A mi me gustava los posiyo con ensalada rusa
i los ságuche
mas iso sempre era lo que menos avía
lo que mas avía era gayetita salada con maionese
i un pedaso de morrón insima.

Nos nunca iva
mas cuando podía
era uma fiesta. (SEVERO, 2011c, p. 52-53)

Além disso, Fabián Severo demonstra uma grandíssima sensibilidade poética para tratar o tema da natureza, em particular, a água, elemento que, ao mesmo tempo, pode gerar e destruir a vida.

Em *Viento de Nadie* há uma constante contraposição entre “duas águas”: a salgada do “mar” e a doce do “rio”, metáfora que nos faz pensar na diversidade que existe entre os uruguaios do sul, ou da capital, e os fronteiriços do norte do Uruguai. O poeta explicou-nos essa oposição na nossa entrevista:

Na fronteira de *Viento de Nadie* não há mar, mas rio, o arroio, o rio que vai morrer no mar, onde vivem os barcos; porém, para as personagens desse livro, o rio, a sua água, é muito importante.

Talvez, seu rio não tenha a grandeza do mar e não seja tão venerado, mas para eles é muito importante. Há uma canção que diz: “meu rio é mais mar que o mar.”²⁶

O rio representa a riqueza da fronteira, mas muitas vezes algumas pessoas não a conseguem encontrar nas coisas simples e deixam a própria pátria para buscar fortuna em Montevideo, como a “Silvana” – “que se foi pra Montevideo/ istudiá pra maestra/ um día yo crusé con eya nel sentro/ ela me miró i yo levanté la maun pra saludá/ i eya deu volta la cara i se foi” (SEVERO, 2011, p. 88).

Mas, ignorar o passado não corresponde à maneira certa de se resgatar e isso o sabe muito bem Fabián Severo, o qual, num seu poema diz que “um homem sem memória é um poço cheio de terra”:

15
Yunto i isparramo recuerdo.
Un ombre seim memoria
e um poso yeio de tierra
um aljibe muerto de sé
vasío du ruido da agua. (SEVERO, 2013, p. 29)

Ter lembranças significa saber de onde vimos, onde nascemos e crescemos, quem verdadeiramente somos:

Pessoalmente, não posso esquecer de onde venho, a minha infância humilde num bairro humilde de Artigas, a casa por terminar, os vizinhos quase sempre na pobreza, esperando o milagre, os sons que ouvia da minha mãe ou da minha avó... Sinto orgulho de ter nascido e vivido ali.

A fronteira me deu uma maneira de pensar e sentir, de falar, de criar. Sou de determinada forma porque vivi o que vivi, se o esquecer, posso correr o risco de não saber quem sou.²⁷

26 Nossa entrevista com o autor, do 27 março 2015.

27 Nossa entrevista com o autor, do 27 março 2015.

Onde quer que vamos e qualquer coisa façamos, nunca poderemos cancelar o passado e esquecer-nos de onde viemos.

Por muitas pontes que cruzemos, sempre sentiremos saudade das nossas raízes:

31

Tua terra vai cuntingo
por mas que tu cruse u puente
buscando otra sombra.
Ayá van tar te lembrando
con saudade de raís. (SEVERO, 2013, p. 45)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LINHA IMAGINÁRIA/ LA LÍNEA IMAGINARIA, filme-documental de Cíntia Langie e Rafael Andrezza.

Aldyr Garcia Schlee trata da fronteira imaginada em sua literatura na sétima entrevista da série, entrevista em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/10/aldyr-garcia-schlee-trata-da-fronteira-imaginada-em-sua-literatura-na-setima-entrevista-da-serie-4314401.html>.

BEHARES, Luis Ernesto. Transliteraciones Fronterizas. Em: Severo, Fabián. *Noite Nu Norte/ Noche En El Norte*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2011c, p. 93-101.

BROVETTO, Claudia. Educación bilingüe de frontera y políticas lingüísticas en Uruguay. *Pro-Posições*. Campinas: vol. 21, n. 3, p. 25-43, 2010.

CORTAZZO, Uruguay. *La Poesía de Fabián Severo*. Pelotas: Universidad Federal de Pelotas. Em: <http://fabiansevero.blogspot.it/search/label/Articulos>

DÍAZ, Ernesto & BEHARES, Luis Ernesto. *Os sons de nossa terra*. Montevideo: UNESCO, Universidad de la República, Grupo Montevideo, 1998.

DÍAZ, Ernesto; BEHARES, Luis Ernesto & HOLZMANN, G.; *Na fronteira nos fizemo assim*. Montevideo: Universidad de la República, Grupo Montevideo, Librería de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2004.

DIEGUES, Douglas. *Dá gusto andar desnudo por estas selvas: Sonetos Selvajes*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2003.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis Ernesto & BARRIOS, Graciela. *Nos falemo brasileiro: dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.

Ernesto Díaz y Fabián Severo en recital de música y poesía (<http://www.lr21.com.uy/cultura/1216184-ernesto-diaz-fabian-severo-musica-poesia-artigas-frontera>).

ETCHEMENDI, Javier. Un lugar en donde el agua no toca la tierra. Em: SEVERO, Fabián. *Noite Nu Norte/Noche En El Norte*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2011c, p. 11-14.

FEIX, Daniel. Língua dobre-chapa (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/09/artistas-usam-portunhol-da-fronteira-brasil-uruguai-pa-ra-criar-obras-liricas-e-singulares-4591649.html> del 05/09/2014).

- GARCÍA, Fernández M. J. Portuñol y literatura. *Revista de Estudios Extremeños*. Badajoz: vol. 62, n. 2, p. 555-577, 2006.
- GRILLO, Rosa Maria. El portuñol. De espacio fronterizo a espacio literario. *Fundación*. Montevideo: n. 2, p. 20-37, 1994.
- HENSEY, Federico. El “fronterizo” del norte del Uruguay: interlingua e interlecto. *Foro Literario*. Montevideo, año IV, vol. IV, n. 7-8, p. 54-59, 1980.
- MORAES, Vinicius de. *Vida e Obra* (<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/vida>).
Página de Ernesto Díaz (<http://cualquieruno.blogspot.it/>).
Página de Martim César (<http://www.martimcesar.com.br/apresenta.htm>).
Página de Fabián Severo (<http://fabiansevero.blogspot.it/>).
- PERLONGHER, Néstor. Sopa Paraguaia. In: BUENO, Wilson. *Mar Paraguayo*. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 7-11.
- PEYROU, Rosario. La frontera norte en el imaginario cultural. *Revista uruguaya de Psicoanálisis*. Montevideo: n. 113, p. 156-167, 2011.
- Portunhol Selvagem* – El blog de Douglas Diegues (<http://portunhonselvagem.blogspot.it/>).
Prémio Aldyr Garcia Schlee (<http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/premios/>).
- QUIRING, Débora & BOSCH, Mauricio. Gauchos da fronteira (<http://ladiaria.com.uy/articulo/2014/7/gauchos-da-fronteira/>).
- RETAMAR, Hugo Jesús Correa & RISSO, Claudia Stella. La frontera entre Uruguay y Brasil y la realidad del español en comunidades fronterizas. *Cadernos de Aplicação*. Porto Alegre: vol. 24, n. 1, p. 95-105, 2011.
- RONA, José Pedro. *El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay*. Montevideo: Librería Adolfo Lunardi, 1965.
- SCHLEE, Aldy Garcia. *Linha divisória*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- SEVERO, Fabián. *Labriegos del papel II*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2005.
- _____. *Las vocês del mundo III*. Montevideo: Centro Hispanoamericano de Artes y Letras, 2007.
- _____. *Fruto del desierto*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2008a.
- _____. *La fantástica casa de las palabras errantes*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2008b.
- _____. *Huellas de viento em la arena*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2009.
- _____. *Los Soles de la Tormenta*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2010.
- _____. *Palavras tortas* em “Página de Fabián Severo”, 2011a (<http://fabiansevero.blogspot.it/2011/09/palavras-tortas.html#comment-form>).
- _____. *Palavras tortas*, 2011b (http://fabiansevero.blogspot.it/search/label/Sobre_el_Portuñol).
- _____. *Noite Nu Norte/Noche En El Norte*, Poesía de la Frontera. Montevideo: Rumbo Editorial, 2011c.
- _____. *Viento De Nadie*. Montevideo: Rumbo Editorial: 2013.
- _____. *NósOtros*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2014.

Soy del bagazo nomás (<http://www.derivera.com.uy/?p=762>).

TRUJILLO, Valentin. Las fronteras de la palabra – Fabián Severo, el poeta uruguayo que escribe en portuñol. *El Observador*, 21/09/2013 (<http://www.elobservador.com.uy/noticia/260632/las-fronteras-de-la-palabra/>).

Recebido em 29.07.2015

Aceito em 15.01.2016